

## Editorial

*Faz em 1995 cem anos que José Leite de Vasconcelos deu início à publicação de "O Arqueólogo Português". O presente volume, não obstante o atraso da sua efectiva distribuição, assinala tal evento, não apenas pela sua expressiva dimensão, originando um número tripló da revista (1995 a 1997), como pelo conteúdo dos seus artigos e superior qualificação dos autores que aceitaram o convite para nele participar.*

*Num século de existência, pode com justificado orgulho dizer-se que "O Arqueólogo Português" constitui hoje a mais respeitável revista portuguesa de arqueologia, seja pela sua antiguidade e qualidade editorial, seja pela ilustríssima plêiada de investigadores que ao longo dos tempos nela colaboraram.*

*As suas quatro sucessivas séries de publicação representam bem os diferentes projectos institucionais por que passou o Museu Nacional de Arqueologia e a própria arqueologia portuguesa, no seu todo. Ao jornal que começou por publicar-se "para estabelecer relações literárias entre os diversos indivíduos que, ou por interesse científico, ou por mera curiosidade, se ocupam das nossas antigualhas" e, ao longo dos trinta volumes da primeira série, serviu essencialmente de órgão noticioso onde se recolheram os mais diversos achados, feitos em todo o país, por mais modestos e avulsos que fossem, muitos dos quais incorporados no acervo do Museu ("o Arqueólogo Português não aspira a inserir longas dissertações nas suas colunas: conquanto as não rejeite, se elas vierem, tenta porém principalmente recolher notícias avulsas, embora abundantes e exactas", dizia Leite de Vasconcelos no editorial de lançamento da nova publicação), sucedeu-se a revista científica, de âmbito disciplinar mais restrito e maior aprofun-*

damento e inovação na abordagem das matérias que se manteve até ao presente. Todos os iniciadores das séries que se seguiram foram, porém, unânimes no reconhecimento da grandeza do projecto inicial e na necessidade da sua continuidade. Manuel Heleno, ao lançar em 1951 uma segunda série da revista, “de harmonia com os gostos e exigências actuais”, que se desenvolveria por cinco números, salientou em “O Arqueólogo Português”, o carácter de “tribuna da maioria dos nossos investigadores”, de “voz que se ergueu em defesa das antiguidades nacionais” e de “refúgio onde se acolheram e receberam estímulo muitos jovens cientistas”, manifestando desejo em “manter a revista no nível que alcançou”. Fernando de Almeida, ao apresentar a terceira série, lançada em 1967 e continuada em nove números, até 1977, prestava “rendidas homenagens aos nossos ilustres antecessores”, esperando “vir a dar, à sua revista, a continuidade e o nível a que nos obriga o lugar que agora ocupamos”. Francisco Alves, quando em 1983 deu início à quarta série, reconhecia nesse acto “a expressão conclusiva mais elaborada e perene de uma mudança que se pretendeu qualitativa”, fazendo votos para que “esta revista não volte a interromper-se e saiba reconquistar o prestígio e a difusão que durante tantos anos conheceu”.

O ímpeto expresso nas palavras acabadas de citar conduziu à publicação da dezena de números da série indicada, dirigidos pelo nosso prezado antecessor. Algum atraso na efectiva distribuição dos últimos desses números, assim como os precedentes históricos, quase convertidos em tradição, de novas direcções darem início a novas séries da revista, poderiam justificar o lançamento de uma quinta série. Não foi essa, porém, a nossa opção, porque julgamos que a linha editorial iniciada em 1983, e na qual colaborámos desde a primeira hora, mantém plena actualidade, justificando-se amplamente o esforço de recuperação dos atrasos de publicação acumulados, de tal sorte que a breve prazo nos possamos aproximar do desejável ritmo de distribuição, em cada ano, do número da revista respeitante ao ano precedente. O presente volume, assim como o anterior, inserem-se já nesta óptica. Aproveitando o carácter comemorativo de ambos, demos-lhes uma expressão muito superior ao que normalmente serão os números simples da revista, podendo assim legitimamente editar respecti-

vamente um volume duplo (1993-1994) e um volume triplo (1995-1997). Esperamos depois que, em ritmo acelerado, possamos recuperar o resto do atraso, para que entremos no novo milénio com o passo acertado, mantendo esta quarta série sem outra alteração que não seja a que nestes dois últimos volumes já adoptámos, ao prescindir da inclusão de índices remissivos em cada número, em favor de índices mais englobantes, a realizar por conjuntos de uma dezena de números, que se afigura serem mais úteis ao leitor.

Luís Raposo\*

\* Director

